

AS FRONTEIRAS DA PESQUISA EM LAZER NO BRASIL

Marco Bettine Almeida¹

Gustavo Gutierrez²

Diego Gutierrez³

RESUMO: O texto apresenta as principais linhas de pesquisa sobre lazer no mundo, desde meados do século XX até a atualidade, e busca ilustrar como este debate foi apropriado no meio acadêmico brasileiro. Tendo como base a divisão teórica clássica nas ciências sociais, entre Durkheim, Marx e Weber, vai adotar como recurso explicativo uma divisão entre as dimensões (a) epistemológica, (b) tecnológica e (c) político/econômica do objeto lazer. Vai concluir refletindo sobre a condição contemporânea do lazer e das pesquisas no campo.

Palavras-chave: Lazer. Epistemologia. Tecnologia. Pesquisa social.

THE FRONTIERS OF LEISURE RESEARCH IN BRAZIL

ABSTRACT: This article presents the main topics of leisure research in the world in the last eighty years. It seeks to illustrate how this debate was appropriate in the Brazilian academia. Based on the classical theoretical division in the social sciences, between Durkheim, Marx and Weber it approaches the subject with three different aspects (a) epistemological, (b) technological and (c) political / economic. It concludes by reflecting on the contemporary condition and research in the field of leisure.

Keywords: Leisure. Epistemology. Technology. Social research.

LAS FRONTERAS DE LA INVESTIGACIÓN DEL OCIO EN BRASIL

RESUMEN: El texto presenta las principales líneas de investigación sobre el ocio en el mundo, desde mediados del siglo XX hasta la actualidad, y busca ilustrar cómo este debate fue apropiado en el ámbito académico brasileño. Partiendo de la división teórica clásica de las ciencias sociales, entre Durkheim, Marx y Weber, adoptará como recurso explicativo una división entre las dimensiones (a) epistemológica, (b) tecnológica y (c) política / económica del objeto de ocio. Concluirá reflexionando sobre la condición contemporánea del ocio y la investigación en el campo.

Palabras-clave: Ocio. Epistemología. Tecnología. Investigación social.

¹ Professor Livre Docente da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Email: marcobettine@gmail.com

² Professor Titular da Universidade Estadual de Campinas. Email: gustavoluisgutierrez@gmail.com

³ Doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação Física pela Unicamp. Email: diegomonteirogutierrez@gmail.com

Introdução

O ensaio a seguir constitui uma reflexão ampla sobre a evolução das pesquisas em lazer no Brasil, desde meados do século passado até a atualidade. Procura apontar as grandes linhas de reflexão, os autores mais importantes e a variação de temas de interesse, frente à evolução da sociedade e das escolas de pensamento aceitas mais comumente no meio acadêmico.

Vai apresentar um corte epistemológico, para facilitar a exposição, denominado também como fronteiras (epistemológica, tecnológica e econômico/política), de forma a podermos refletir sobre os mesmos aspectos, referentes ao objeto de pesquisa lazer, em diferentes momentos históricos e viabilizar algum nível de comparação entre eles. A intenção é ilustrar, de forma resumida, a evolução da pesquisa em lazer, especialmente no Brasil e apontar alguns dos novos desafios com que o campo vai ter de lidar frente às transformações da sociedade contemporânea.

É um trabalho de natureza teórica, apoiado na consulta de fontes de dados secundários, no caso as principais linhas de pesquisa do objeto lazer no mundo, desde meados do século passado, e sua apropriação e desenvolvimento pelo meio acadêmico de pesquisa brasileiro. Vai concordar também com a ideia, bastante consensual, de que a queda do Muro de Berlim representa uma crise de paradigmas que impacta fortemente, tanto nas relações sociais, como na produção teórica no campo das ciências humanas.

A primeira fronteira a ser desenvolvida é a epistemológica, percebida como um corte entre os estudos de tradição marxista e estudos ancorados na pesquisa mais específica do sujeito social praticando o lazer em espaços e momentos delimitados. A segunda fronteira apresenta o conceito de tecnologia e a forma como está pode condicionar a prática do lazer em diferentes épocas, destacando os trabalhos de Dumazedier. A terceira fronteira seria a econômico/política, onde o paradigma economicista estaria na base dos estudos do lazer. Toda a reflexão vai ter, como pano de fundo, a divisão conceitual clássica nas ciências sociais, entre pesquisas de cunho idealista (weberiano), organicista (durkheimiano) e materialista (marxista).

No próximo momento o artigo vai expor, a partir do referencial adotado, como a complexidade das fronteiras foi percebida e construída no campo brasileiro, e as disputas simbólicas que existiram para ser o “Dono do Pedaco”, parodiando Magnani, no importante livro “Festa no Pedaco” (2003). Novas leituras são incorporadas neste contexto, abrindo as oportunidades dos estudos do lazer para um enfoque construído pela área Interdisciplinar.

No último item, este ensaio apresenta as fronteiras contemporâneas do objeto, demonstrando seus limites e capilaridades, e a resistência de setores acadêmicos para perceber o objeto enquanto “sério” ou relevante para os estudos nas ciências humanas, com exceção da antropologia. Novamente há uma fronteira epistemológica: onde fica o lazer no mundo que não tem no trabalho seu paradigma material fundamental? Com

relação à fronteira tecnológica: onde está o lazer concretamente, ou o objeto só existe idealmente? E, finalmente, como as dimensões econômica/político colonizaram o lazer enquanto prática social e objeto de pesquisa?

São estas e outras questões com as quais os leitores vão se deparar na leitura deste ensaio.

A observação do passado ajuda a entender o presente

Dizia Marx que a história é a mais importante das ciências, pois sem um conhecimento pregresso e a recopilção de dados é impossível construir um conhecimento sistemático sobre qualquer assunto. Marx vai ser coerente consigo mesmo e com toda a produção iluminista. Quanto melhor for conhecida a história pregressa do objeto a ser estudado, tanto mais provável chegar a relatos com conteúdo de verdade.

A reconstrução histórica, porém, não é um processo simples e fácil. Cada época constrói uma forma própria de se apropriar do passado histórico. Um rápido passeio pelas livrarias vai nos mostrar novíssimos olhares sobre antigos acontecimentos, da Revolução Francesa à Segunda Guerra, passando por diferentes instituições e até algumas manifestações da vida cotidiana. Para a produção de conhecimento em história seus objetos de pesquisa estão em permanente renovação, embora possamos ver aqui também alguma relatividade enquanto rigor científico.

A complexidade do tema estudado é algo que também pode levar a alguma relatividade de análise. Estudar um objeto muito bem delimitado (o jogo de bochas na cidade “x” na década de 1930) é muito diferente de lidar com objetos mais amplos e abstratos (lazer e sociedade) como fizeram, por exemplo, Veblen⁴ (1899) com o clássico “The Theory of the Leisure Class”, Rojek⁵ (2007) com o livro “Leisure and culture” e Huizinga⁶ (1999) com o paradigmático livro “Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura”. Quanto mais amplo o objeto, mais provável que se sinta a interferência da subjetividade do autor e os condicionantes dos paradigmas constitutivos do referencial epistemológico adotado.

Independente dos desafios apresentados, começar por um conhecimento da história do objeto que se pretende estudar é sempre um bom começo. O primeiro passo, então, parece ser determinar onde e quando o objeto de pesquisa lazer é percebido no seio da sociedade brasileira, ou ainda onde e quando ele pode ser percebido enquanto manifestação social que pesquisadores acadêmicos julgam importante estudar. No caso da pesquisa sobre lazer os problemas começam, exatamente, aqui. Ao deparar o termo

⁴ Thorstein Bunde Veblen (1857 - 1929). Veblen foi um dos fundadores da New School for Social Research. Sua obra mais famosa é The Theory of the Leisure Class, na qual Veblen analisou a estrutura econômica de sua época desde a ótica do evolucionismo sistêmico.

⁵ Autor de diversos artigos e livros relacionados à temática do Lazer. Tem como conceito fundante o “lazer anormal”, e a influência dos meios de comunicação nas relações interpessoais e nos movimentos de resistência espalhados pelo mundo.

⁶ Johan Huizinga foi um historiador e linguista holandês, conhecido por seus trabalhos nas áreas da história cultural, da teoria da história e da crítica da cultura.

lazer num texto acadêmico brasileiro, nem sempre o autor se refere à mesma coisa (BETTINE; GUTIERREZ, 2011).

Existe toda uma reflexão brasileira sobre o lazer que o define como resultado da sociedade moderna pós-revolução industrial. Seria justamente a divisão do tempo social, decorrente da generalização do trabalho assalariado, separado do espaço domiciliar, que constituiria o conceito moderno de lazer. Parker (1978) traz uma importante discussão sobre a divisão social do tempo decorrente da generalização do trabalho assalariado. Essa temática foi apropriada por autores brasileiros como: Requixa, (1977); Alves e Melo (2003); Camargo, (1986); Sant'Anna, (1994), separando o espaço domiciliar do conceito moderno de lazer. O trabalho não vai ser mais uma decorrência da vida comunitária convivendo com outras manifestações sociais. Haveria agora tempos e lugares específicos para a convivência familiar, para o aprendizado, para as manifestações religiosas e as manifestações políticas, e também para as atividades lúdicas. Não se trata de defender que em outras sociedades não ocorressem práticas de entretenimento e diversão, mas que estas estariam ligadas de uma forma mais orgânica com o todo social e representariam dimensões simbólicas diferentes do que se observa a partir da sociedade moderna. O lazer, portanto, como podemos observá-lo hoje nas pesquisas brasileiras, é algo novo, diferente e que só pode ocorrer a partir da generalização do trabalho das sociedades industriais (WERNECK, 2002; FERREIRA, 1959).

Há, também, quem discorde disso e ache que se trata de um preciosismo classificatório pouco útil. Nesta linha de raciocínio sempre que encontrarmos pessoas buscando satisfação e diversão, há uma manifestação de lazer. Isto coloca a categoria numa perspectiva mais ampla onde, frente à ausência de uma definição mais rígida decorrente da sua inserção específica na sociedade industrial moderna, o termo deverá ser bem contextualizado (GUTIERREZ, 2001; BETTINE, 2011).

Convém, ao estudar as discussões brasileiras sobre o lazer, estar atento à formação do pesquisador. Todo mundo tem algum contato com atividades de lazer. Não é raro que pesquisadores de diferentes áreas se sintam legitimados a expressar opiniões sobre o objeto. Esta aparentemente fácil familiaridade com o tema não é verdadeira. Embora não seja o mais antigo, ou o mais discutido, dos temas das ciências humanas, há um debate interno sobre lazer, diferentes escolas de pensamento e conceitos básicos compartilhados que devem ser conhecidos (WERNECK, 2002; REQUIXA, 1977; MARCELINO, 1983 e 1987; DUMAZEDIER, 1973 e 1979).

A crise de paradigmas ou a falência do paradigma trabalho

A discussão em ciências humanas nas universidades brasileiras até quase o fim do século XX é marcada pelo embate entre interpretações de origem marxista e outro conjunto teórico que se contrapõe a esta forma de entender o mundo. Marxistas e não marxistas vão dividir entre si tanto o campo teórico do pensamento, assim como os

espaços institucionais. O debate teórico tem uma aproximação importante com as dimensões econômica, política e social e vai se desenvolver dentro desta polarização, aprofundando-a e enriquecendo-a, ou pelo menos, tornando-a mais complexa. Olhando-o em perspectiva, a partir do que aprendemos no início deste século XXI, fica a dúvida a respeito de quantas discussões tinham algum enraizamento no mundo concreto, ou eram simples desdobramentos conceituais a partir de elucubrações descoladas de qualquer aspecto real da existência.

Mas, de qualquer forma, o que interessa agora é ter presente que o fato do debate teórico no campo das ciências sociais estar polarizado entre marxistas e não marxistas (GUTIERREZ, BETTINE, 2017) têm consequências importantes na forma de pensar qualquer objeto de pesquisa delimitado, como é o caso do lazer.

Bauman (2007) traz questões importantes: a primeira questão que tem de ser apontada é que a ideia de polarização (entre marxistas e não marxistas) pressupõe a existência de dois polos que se contrapõem, mas que não se anulam. É óbvio que a realidade social é mais complexa, mas uma coisa tem que ser destacada: grande parte da construção da identidade, tanto do capitalismo como do comunismo, passa pela crítica do outro. Nenhum dos dois sistemas resolve de forma insofismável os problemas da sociedade. Quando, em 1989, ocorre a falência do socialismo real, ou pelo menos de quase todos os sistemas que participam dele, o sistema capitalista perde um dos mais importantes elementos de legitimação e ordenação. A expansão e generalização de conflitos que se segue, sejam de ordem nacional, regional ou por diferenças de natureza culturais, étnicas ou religiosas demonstra que o fim da polarização não aproxima a sociedade a um período de paz e ordem, mas justamente o contrário.

No campo teórico a dinâmica se dá de forma diferente, porém inter-relacionada. Anos antes da queda do muro de Berlim pode-se assistir o aumento de interesse por teorias que se afastam deste binômio, como a apresentada por Bourdieu e, principalmente, Habermas. Com o colapso do socialismo real, em 1989, todo o arcabouço do pensamento marxista perde força no Brasil, não só em termos de legitimidade teórica, mas também em função de fatores muito concretos. A URSS, desde sua origem, faz um grande esforço para a divulgação, discussão e estudo do marxismo. Após a segunda guerra mundial, este esforço se estende aos países do leste europeu, num amplo conjunto de ações que envolvem bolsas de estudo, financiamento de publicações e intercâmbio internacional de estudantes. Todo este importante financiamento, articulado basicamente desde Moscou, se encerra gradativamente depois da queda do Muro de Berlim.

As fronteiras dos estudos do lazer no Brasil: século XX

A fronteira epistemológica: o embate entre marxistas e não marxistas e o lazer subordinado (alienado, funcionalista, observado)

A partir do momento em que a categoria trabalho, a partir do século XIX, ocupa um lugar central no pensamento das ciências sociais, é inevitável que o objeto lazer tenha um papel secundário, ou subordinado, dentro das diferentes explicações de mundo possíveis.

Desde a perspectiva marxista o lazer, antes de tudo, é mais uma mercadoria dentro de um sistema que tende a transformar tudo em mercadoria (MARX, 1844). Além disso, o lazer também pode assumir um papel político e ideológico enquanto elemento que ajuda a desmobilizar os segmentos sociais engajados na transformação revolucionária das relações capitalistas. Por fim, pode-se pensar num lazer não alienado a partir do momento em que busca se alinhar com o desmonte das relações capitalistas de produção, mas, convém ter presente, que só se pode falar em lazer verdadeiro depois do triunfo da revolução comunista.

Desde uma perspectiva não marxista, mas ficando sempre no campo dos autores clássicos, vamos encontrar (a) a sociologia compreensiva, de inspiração weberiana, preocupada com a contextualização do objeto de pesquisa (onde e quando ele se manifesta) e os sujeitos agentes da ação social dotada do sentido, ou ainda como manifestação da busca racional da dominação e (b) a linha de interpretação organicista, geralmente relacionada com a obra de Durkheim, onde o lazer tende a cumprir uma função social, como, por exemplo, relaxamento de tensões, esparecimento, aprendizado de relações sociais, interação (Elias, Dunning, 1986).

A interpretação funcionalista do lazer ocupa um espaço importante durante todo o século XX, já que se relaciona de forma mais fácil com as políticas públicas, assim como apresenta o objeto lazer sob uma ótica moral edificante. O lazer vai cumprir nesta linha de análise, por definição, uma função social útil e, portanto, deve ser incentivado e inclusive financiado pelo Estado. Já práticas sociais desagregadoras, disruptivas ou que simplesmente enfrentam valores comumente aceitos, podem ser vistas como anômicas e, assim, justifica-se a sua repressão (Bruhns, 1997).

A fronteira tecnológica: Dumazedier e um mundo cartesiano

No Brasil o lazer, enquanto objeto de pesquisa, durante todo o século passado não é muito estudado e sua abordagem, de uma forma geral, se dá subordinada aos referenciais teóricos mais amplos. Neste contexto podemos destacar o trabalho do pesquisador Joffre Dumazedier, um dos poucos estudiosos focados na questão do lazer, cuja obra é bastante conhecida no Brasil graças ao trabalho de divulgação feito pelo SESC. Trata-se de um autor francês que segue a linha do pensamento científico de seu país, de Descartes a Durkheim. Tenta conhecer o lazer na sociedade contemporânea enquanto atividade prazerosa e desinteressada no tempo livre, construindo uma tipologia, bastante discutida, onde aparecem definições como conteúdos culturais de lazer. Outro aspecto da sua definição de lazer é que ele não pode ser produtivo, pintar um quadro só é lazer se o quadro não for vendido. (DUMAZEDIER, 1973, 1979)

A obra tem a originalidade de se concentrar no objeto lazer e o mérito de buscar uma aproximação própria. De resto, está limitada pela época em que foi escrita. Um elemento fundamental, que nem sempre é lembrado, é o desenvolvimento tecnológico que constitui o marco referencial do lazer no período estudado. Se, por um lado, a proposta do autor é rígida e tipificada, por outro lado é preciso lembrar as características da tecnologia e da ocupação dos espaços nos anos sessenta, nos países industrializados. Naquela época os espaços físicos têm definições bastante específicas, as pessoas trabalham na empresa, estudam na escola e rezam no templo. Por trás desta divisão do espaço está uma tecnologia de natureza pouco flexível, as pessoas trabalham com a calculadora de mesa e se divertem com uma máquina de jogar *pin-ball*. E essas máquinas não são intercambiáveis. Acostumados com a flexibilidade dos computadores pessoais, que tanto servem para trabalhar como para se comunicar ou para atividades lúdicas, nem sempre esta rigidez da tecnologia se faz presente na memória de uma época caracterizada, também, pelo amor livre, o movimento hippie e o consumo de drogas alucinógenas.

Esta concepção teórica francesa de lazer também pode ser compreendida enquanto atendendo a uma busca de ordem e organização, de inspiração positivista, num contexto em que há uma contraposição com relação às concepções de origem marxista (WERNECK, 2002; GUTIERREZ, 2001).

A fronteira política/econômica: a importância regional, o Estado e as políticas públicas, os grandes eventos e a Guerra Fria

O desenvolvimento das atividades de lazer, destacando agora a realidade brasileira, é fortemente marcado pela ação do estado e das políticas públicas. Há, como foi colocado antes, uma relação importante entre o desenvolvimento tecnológico e a transformação das atividades de lazer. Mas este desenvolvimento tecnológico, a generalização do acesso a novas tecnologias passa, em grande parte, pela ação do estado e o direcionamento dos investimentos públicos e privados, mais ainda se pensamos em economias de capitalismo tardio como é o caso do Brasil. (Bettine, 2011)

Por exemplo, nos anos 1930 a grande novidade em termos de lazer é o rádio, que inicialmente vai ser retransmitido nos coretos das praças de cidades do interior, para depois se tornar uma atividade de cunho familiar e doméstico. Segue-se a televisão e o cinema, assim como os passeios de fim de semana pelas estradas recém-inauguradas, nos automóveis fabricados pela nascente indústria nacional. Vamos assistir também ao crescimento do turismo interno e internacional. Todo este processo, descrito aqui muito superficialmente, tem na sua origem investimentos públicos que viabilizam seu início, embora depois possam vir a serem geridos pela iniciativa privada. O mesmo pode se dizer do desenvolvimento da informática que vai depender da existência prévia de uma ampla rede de telefonia, onde novamente vamos encontrar o investimento público.

Com a urbanização e o avanço do capitalismo de mercado, as práticas de lazer

voluntaristas e espontâneas vão gradativamente perdendo o aspecto comunitário e local para ser mediada, pela economia, enquanto produtos e serviços oferecidos no mercado. As políticas de lazer também não auxiliam este espectro, pois estão ancoradas em ações estratégicas de determinado grupo político, poucas são as iniciativas de espaço de lazer que são constituídas com a sociedade civil organizada.

As competições esportivas, por sua vez, passam a ser a grande vitrine de propaganda política. Hitler vai usar a olimpíada de 1936, realizada em Berlim, para divulgar o sucesso das suas políticas para o mundo. A partir do fim da II guerra, os EUA e URSS vão travar uma luta enorme para demonstrar a sua supremacia política, usando para isso também o sucesso esportivo. O caso de ilha de Cuba serve para ilustrar a importância que o regime da URSS dava às competições esportivas. Depois da tomada do poder por Fidel Castro, em 1959, Cuba passa a ser, gradativamente, o grande exemplo do sucesso do socialismo real na América (RIDENTI, 1999; SADER, 1991). O apoio soviético à ilha leva-a a se tornar uma potência olímpica, conquistando o oitavo lugar em 1976 e o terceiro em 1980. Se considerarmos que o país tinha, na época, menos de dez milhões de habitantes, estamos falando de um esforço econômico e logístico fantástico.

O mundo contemporâneo e a crise de paradigmas no Brasil

A crise de paradigmas, no campo da produção teórica em ciências humanas pode ser percebida antes da queda do Muro, embora este fato sinaliza de forma pontual o fim de um período e o início de outro.

Em termos resumidos, podemos perceber a tentativa de construção de alguns caminhos alternativos, ou ainda de respostas conceituais para a nova situação.

Ao mesmo tempo em que na economia e nas relações internacionais, de uma forma pragmática, os países vão tentando adequar-se à nova realidade geopolítica, o fim do socialismo real e o desmonte das suas estruturas de governo, no campo das ideias o movimento é mais confuso e multifacetado. Se no mundo concreto a visão inicial é que só os comunistas perderam, no campo teórico a apropriação é mais complexa. Todo o pensamento das ciências sociais no Brasil fundamentado nos clássicos do século XIX, pensando aqui em Durkheim, Marx e Weber, perde sustentação frente ao que Claus Offe (1989a, 1989b) vai denominar como a falência da capacidade macrosociológica explicativa da categoria trabalho. É o fim de um ciclo de pensamento teórico que tem no trabalho o elemento fundamental para entender a sociedade.

Neste contexto vamos assistir inicialmente à revalorização de autores que já vinham tentando produzir textos de uma forma independente, ou crítica, com relação às interpretações clássicas. Vamos encontrar aqui teóricos muito diferentes entre si, como Foucault, Bourdieu e, principalmente, Habermas que pouco tempo antes publicara sua Teoria da Ação Comunicativa. Em menor escala, e pensando mais especificamente no campo do lazer, podemos citar Norbert Elias, incluindo seu trabalho em parceria com Eric

Dunning.

Vamos encontrar também a crítica denominada pós-moderna, que sofre influência de autores como Nietzsche e Freud e apresenta o contemporâneo posterior à queda do muro como uma radicalização de aspectos da modernidade. Entre os autores mais importantes podemos destacar Jean François Lyotard (2015). Desde uma perspectiva conservadora, o teórico com mais visibilidade provavelmente é Francis Fukuyama (2006) e sua ideia de que as democracias liberais e o capitalismo de livre mercado representariam o ápice e, portanto, o fim do desenvolvimento político e social da humanidade. E, por fim, vamos encontrar autores que optaram por ignorar os acontecimentos recentes e seguiram produzindo textos a partir dos clássicos do século XIX.

As fronteiras do século XXI e a diluição do lazer em um campo secundário na universidade brasileira

A fronteira epistemológica: sai o trabalho, mas não chega o lazer

A crise do paradigma trabalho traz, num primeiro momento, a expectativa de que isso poderia favorecer um maior interesse nas pesquisas sobre o lazer, algo como se a desvalorização do trabalho correspondesse à valorização do seu oposto. Não foi o que ocorreu. Assistimos a uma mudança nos objetos de pesquisa onde as apropriações tradicionais vão conviver com novos temas como comunicação, identidade cultural, minorias e tensões entre diferentes grupos sociais.

Desde o ponto de vista metodológico, vamos encontrar uma maior diversidade de formas de pesquisa, sem a convergência muito clara para uma linha teórica específica. De uma forma geral, todo o campo de pesquisa em ciências humanas perde legitimidade frente à sociedade e, conseqüentemente, recursos de financiamento. É o preço a pagar por ter investido, durante o século XX, no embate entre marxistas e não marxistas (GUTIERREZ; BETTINE, 2017). Todo este contexto vai ter, também, um efeito negativo nas pesquisas sobre lazer.

A fronteira tecnológica: tecnologia flexível, mudanças rápidas e profundas, disseminação capilar por quase toda a sociedade

A fronteira tecnológica parece apresentar os desafios teóricos mais interessantes para pensar o lazer hoje. Num espaço de tempo curto passamos da calculadora manual e o fliperama para a rede mundial de computadores e os celulares. A tecnologia não apenas ficou extremamente flexível, como seu uso se disseminou por quase toda a sociedade de forma capilar, cooptando e transformando principalmente os jovens, o que leva a pensar na sua irreversibilidade no tempo. A atual flexibilidade da tecnologia, sua invasão da individualidade, a possibilidade de usá-la a qualquer momento e em qualquer

lugar, dissolveu toda fronteira entre as diferentes atividades humanas. Hoje, uma pessoa pode alternar trabalho, lazer e comunicação social em frações de segundos. O acesso a informações e bens culturais também se expandiu de forma exponencial, incluindo aqui a alta cultura embora esta não seja, é óbvio, a primeira opção da maioria dos usuários.

Mudou também o grau de exposição a que as pessoas estão sujeitas, assim como a exposição das suas atividades corriqueiras. Onde, inclusive, esta própria exposição pode se tornar uma atividade de lazer. Seguir alguém no Facebook ou Instagram é lazer? E alimentar o próprio perfil, é lazer? O grande problema deste tipo de pesquisa é que os dois lados da questão estão pouco claros. Não há consenso sobre os referenciais metodológicos em função da crise de paradigma, assim como não há clareza sobre a natureza e os impactos do desenvolvimento tecnológico.

A fronteira política e econômica

As pesquisas de Harvey (2005) e Rojek (2007) nos dão parâmetros interessantes para compreendermos a velocidade da troca de informações e a mudança radical do número de pessoas envolvidas. Isto leva a transformações também nas formas de manifestações políticas que vêm se somar às formas tradicionais e, aparentemente, ainda não estão muito claras. A transformação tecnológica, embora tenha na sua origem forte participação do estado e de dinheiro público, principalmente dos Estados Unidos (corrida espacial e armamentista), parece estar se centrando na esfera do grande capital e atuando conforme a sua lógica de expansão e lucratividade.

Os grandes espetáculos esportivos, por exemplo, deixam de ser vitrines da luta entre regimes políticos e passam a divulgar, sob o pano de fundo de uma competição entre nações, os produtos das grandes empresas do setor. Deixam assim de vender ideologias para vender produtos e serviços, pelo menos numa análise superficial. Há uma clara expansão da importância das manifestações esportivas por toda a sociedade, que chama a atenção dos pesquisadores, cujo significado não fica muito claro. Por exemplo, Jogos Olímpicos e os campeonatos mundiais de modalidades esportivas, como futebol, rúgbi ou críquete, são citados como exemplos de globalização, mas as pessoas acompanham as disputas porque estão torcendo pelo seu próprio país? O Estado Nacional ainda resiste? Ou é torcer pelo atleta? Pela melhor exibição, desempenho?

Países como China, Rússia e Índia vão procurar aumentar sua visibilidade no contexto mundial sediando megaeventos esportivos. O Brasil sediou sucessivamente um campeonato mundial de futebol e uma versão dos jogos Olímpicos (Rio de Janeiro). Este esforço vai ser interpretado, em termos geopolíticos como uma tentativa de aumentar o *soft power* nacional num mundo de relações globalizadas (BETTINE; GUTIERREZ; GRAEFF, 2018)

Alguns outros elementos novos surgem no cenário do lazer. Podemos destacar, como exemplo, a preocupação com os grupos em situação de risco, grupos com necessidades especiais e a adaptação das atividades de lazer às necessidades próprias

de cada um. Vemos também uma preocupação com a qualidade de vida das pessoas o que expande o horizonte de intervenção para além da questão fundamentalmente econômica e de saúde pública, colocando a questão do lazer num campo de reflexão mais amplo.

Limitações da pesquisa e observações finais

O tema é muito amplo e inclui uma reflexão sobre as características das relações sociais contemporâneas. Assim, é inevitável que surja, em vários momentos, uma dimensão especulativa, ou ensaística na escrita.

Procuramos trabalhar o conceito de lazer a partir de três determinações específicas, ou fronteiras (epistemológica, tecnológica, econômico/política), privilegiando a forma pela qual o lazer tem sido apropriado e discutido no Brasil.

Com relação à questão epistemológica a discussão sobre lazer parece seguir o caminho comum ao debate no campo das ciências humanas. Lyotard (2015) vai falar em falência dos meta-relatos e Offe (1989 a 1989b) no fim da capacidade macro sociologicamente explicativa da categoria trabalho, ou ainda da crise do paradigma trabalho. O que ambos têm em comum é que apontam para a diminuição da importância das grandes escolas de pensamento e do seu embate teórico como elemento de desenvolvimento do campo científico.

O lazer, neste sentido, deixa gradativamente de ser discutido dentro de um embate entre teorias explicativas de referência para se manifestar através de discussões temáticas que agregam grupos de pesquisadores mais preocupados com debater um aspecto específico do tema sem alinhar-se, previamente, a uma linha teórica específica.

Podemos apontar, como exemplos dos vários caminhos que os estudos de lazer têm tomado, as pesquisas do Núcleo de Antropologia Urbana da USP ou o Centro de Estudos Lazer e Recreação da UFMG. Neste caso ao discutir lazer, cultura popular e entretenimento na periferia de grandes centros, não é o conteúdo o que importa, mas os lugares onde são desfrutados, as relações que instauram, os contatos que propiciam. Estes espaços de discussão acadêmicas discorrem sobre os trabalhos interdisciplinares analisando o lazer nas metrópoles, como pesquisas sobre o botequim, a cena hardcore, os straight edgers que usam como referência a região da rua Augusta na cidade de São Paulo, os índios pankararus, moradores da favela Real Parque incrustada no bairro paulistano de classe alta do Morumbi, os pichadores e grafiteiros, hip-hop, as bandas gospel, as baladas black (para ficar apenas no circuito dos jovens).

Não se trata aqui de abraçar a totalidade das ideias de Lyotard ou de Offe, mas de apontar que a evolução do campo científico contemporâneo parece dar-lhes razão, pelo menos em grandes linhas.

O desenvolvimento tecnológico, por sua vez, vivido desde o fim do século XX tem um impacto enorme em todas as dimensões da sociedade. Vai também impactar

fortemente as atividades de lazer. As principais características das novas tecnologias parecem ser a velocidade de informações, as mudanças de meios e a flexibilidade de uso. Neste sentido, as divisões clássicas dos espaços (como, por exemplo, trabalho, estudo, lazer, religioso, comunitário, etc.), assim como as divisões do tempo dedicado a cada atividade, parecem dissolver-se ou justapor-se, resultando em um cotidiano híbrido, complexo e multifacetado. Não só a pesquisa sobre lazer, mas a sociologia como um todo tem encontrado dificuldade para compreender e explicar esta realidade, somando-se aqui os problemas decorrentes da crise de paradigmas apontados antes.

O fato é que, por um lado, a tecnologia permite mudar rapidamente a natureza da ação do sujeito social entre, como foi colocado, trabalho, lazer ou comunicação e, por outro lado, atividades novas são difíceis de classificar a partir das categorias existentes. Podemos citar, por exemplo, a seguinte colocação: alguém que segue um perfil na rede, ou ainda que o alimenta com novos dados, está se comunicando, trabalhando em divulgar sua pessoa ou usufruindo uma atividade de lazer?

Por fim, com relação ao cenário político e econômico a situação é mais clara. Nunca o mercado de atividades de lazer movimentou tanto dinheiro e envolveu tantas pessoas ao redor do mundo como agora. Além disso, o fim da guerra fria não parece ter diminuído a importância dos espetáculos esportivos, os chamados megaeventos, no equacionamento das estratégias geopolíticas das nações, como atestam os estudos sobre *soft power*.

Seguindo a tradição funcionalista das políticas públicas de lazer, a intervenção estatal agora parece estar se associando mais ao conceito de qualidade de vida como um subcampo da saúde e menos com relação à diversão ou à difusão cultural. O mercado privado, por sua vez, parece menos focado no lazer tradicional, inclusive abandonando o uso da expressão 'lazer', para vender experiências e situações vivenciáveis. Não se fala mais em um lazer determinado no espaço e no tempo, mas numa busca permanente da experiência prazerosa, que pode ser realizada a toda hora. Surgem a internet, com o aumento exponencial de conteúdo sexual, os games interativos, os shoppings com espaços recreativos para as crianças, o aumento dos grandes hotéis com atividades 24 horas por dia, apontando para a ditadura da felicidade em todos os territórios reais e virtuais.

Por fim, acompanhar e refletir toda a riqueza e complexidade de um campo social que cresce e se transforma muito rapidamente, como é o lazer, vai exigir dos pesquisadores, pensando aqui num campo especializado de debate acadêmico, um enorme esforço de reinvenção assim como a disponibilidade de recursos financeiros de apoio à pesquisa, nem sempre presentes.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Critical models**. New York, NY: Columbia University Press, 1998.
- ALVES JÚNIOR, Edmundo; MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao lazer**. São Paulo: Manole, 2003.
- BERMAN, Marshall. Brindis por la modernidad. *In*: CASULLO, Nicolas (Org.). **El debate modernidad e posmodernidad**. Buenos Aires, Argentina: El cielo por asalto, 1993.
- BETTINE, Marco A.; GUTIERREZ, Gustavo. **O lazer no Brasil: de Getúlio Vargas à globalização**, São Paulo: Phorte, 2011.
- BETTINE, Marco A.; GUTIERREZ, Diego Monteiro; GRAEFF, Billy. Foreign media reports about Brazil's mega sporting events: soft power, periphery and dependence. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 4, p. 1353-1368, oct./dec., 2018.
- BRUHNS, H. T. **Introdução aos estudos do lazer**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- BAUMAN, Z. **Consuming life**. Cambridge: Polity, 2007.
- CASTELLS, M. **Communication power**. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- _____. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **The quest for excitement**. Oxford: Blackwell, 1986.
- FERREIRA, Acácio. **Lazer operário: um estudo de organização social das cidades**. Salvador: Livraria Progresso, 1959.
- FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. New York: Free Press, 2006.
- GUTIERREZ, Gustavo. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- GUTIERREZ, Gustavo; BETTINE, Marco A. **Por que os sociólogos erram sempre**. São Paulo: EACH-USP, 2017.
- HARVEY, D. **The new imperialism**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. Perspectiva: São Paulo, 1999.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. trad. Ricardo C. Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço**, São Paulo: Hucitec/Unesp, 2003.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. Campinas: Papyrus, 1987.

_____. **Lazer e humanização**. Campinas: Papyrus, 1983.

MARX, K. **Economic and philosophical manuscripts**. New York, NY: New World, 1844.

OFFE, Clauss. Trabalho como categoria sociológica fundamental? *In*: _____. **Trabalho e sociedade**: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade de trabalho. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989a. v.1. p.14-42. (Biblioteca tempo universitário, n.85. Estudos alemães).

_____. **Trabalho & Sociedade**: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da sociedade do trabalho (v. I: A crise; v. II: Perspectivas). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989b.

PARKER, Stanley. **A sociologia do lazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PIEPER, J. Leisure: **The basis of culture**. New York, NY: New American Library, 1952.

VAN MOORST, H. Leisure and social theory. **Leisure Studies**, v.2, n.3, p.157–169, 1982.

REQUIXA, Renato. **O lazer no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1977.

ROJEK, C. Is Marx still relevant to the study of leisure? *Leisure Studies*, v.32, n.1, p.19-33, 2013.

_____. **Cultural studies**. Cambridge: Polity, 2007.

SADER, E. Cuba no Brasil. *In*: REIS, D. História do marxismo no Brasil I: o impacto das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

SMART, B. **Consumer society**. London: Sage, 2010.

ROBERTS, K. **The leisure industries**. Basingstoke: Palgrave-Macmillan, 2004.

RIDENTI, M. Em busca do povo brasileiro: romantismo revolucionário de artistas e intelectuais (pós 1960). 1999. Tese (Livre Docência) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SANT'ANNA, Denise B. **O prazer justificado**: História e lazer. (São Paulo, 1969/1979). São Paulo: Marco Zero/MCT-CNPq, 1994.

VEBLEN, T. **The theory of the leisure class**. London: Allen & Unwin, 1899.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. Conversando com Andréa Bonow sobre o primeiro Centro de Estudos sobre o lazer no Brasil. **Revista Licere**. Belo Horizonte, v.1, n.5, set. 2002.



Endereço para correspondência

Marco Bettine
Rua: Arlindo Bettio, 1000
CEP: 03828-000
Bairro: Vila Guaraciaba
Cidade/UF: São Paulo/SP

Recebido em:
02/09/2020
Aprovado em:
07/06/2021